

# Brasil tem pouca

CORREIO BRAZILIENSE

ECONOMIA

## chance de reduzir dívida

GABRIEL SMIRNOW  
Da AFP

**Nova Iorque** — Argentina, Brasil e até mesmo a Venezuela têm poucas esperanças de obter tantas vantagens quanto o México nas eventuais negociações para a redução de suas dívidas externas, conforme indicou ontem em seu relatório mensal, a companhia norte-americana Shearson, Lehman, Hutton, especializada no mercado secundário de valores.

A dívida externa dos países latino-americanos não foi influenciada pelo Plano Brady, nem pelo acordo do México com os bancos credores, precisaram os especialistas, ao comentar o índice divulgado pela empresa. A euforia originada pela redução da dívida mexicana foi breve, acrescentou a Shearson, Lehman, Hutton, pois a demanda, no mercado secundário de valores, demonstra que os bancos não esperam grandes resultados, ainda que por diversas razões, da maior parte dos países latino-americanos.

### ANÁLISE

A companhia faz a seguinte análise sobre dez países devedores:

**Brasil** — Após um considerável aumento, no início de agosto, refletindo as expectativas de que o Brasil, um País com problemas muito mais graves que o México, também pudesse se beneficiar do Plano Brady, a cotação no mercado secundário caiu para 31-32 centavos por dólar, sendo, inclusive, menor que a de julho e sete pontos mais baixa que a de janeiro passado.

**Argentina** — Em uma reação favorável às primeiras medidas anunciadas pelo novo presidente Carlos Menem, a cotação dos valores argentinos subiu cinco pontos, mas logo voltou a cair para 14-15 centavos por dólar, a cotação mais baixa de todo este ano, com exceção de maio passado, o que mostra as escassas possibilidades de que, em um futuro próximo, a Argentina possa estabelecer negociações semelhantes às do México.

**Venezuela** — Os valores venezuelanos melhoraram sem interrupção desde o anúncio do Plano Brady, ainda que tenha se estabilizado em 38-39 centavos por dólar, uma cotação

semelhante à do mês passado, o que demonstra que o acordo mexicano não influiu favoravelmente.

**Chile** — Os preços da dívida chilena no mercado secundário nunca foram influenciados pelo Plano Brady, já que o país não parece querer iniciar negociações nesse contexto. A cotação, em meados de agosto, foi de 63-64 centavos por dólar, a mais alta da América Latina, juntamente com a Colômbia, devido ao mercado secundário não manifestar temores em relação às próximas eleições e a passagem a um governo civil.

**México** — Após o acordo com os bancos, os valores mexicanos no mercado secundário elevaram-se consideravelmente, para cair em seguida e permanecer em 43-44 centavos por dólar, um preço aparentemente estável, apesar da resistência de suas autoridades à substituição da dívida por swaps (capitalização em bens mexicanos).

**Equador** — Após permanecer quase todo o ano em torno de 12 centavos por dólar, a dívida equatoriana estava sendo negociada, em agosto, a 17-18 centavos, em consequência das esperanças dos bancos em que as autoridades econômicas do país retomarão o programa de substituição da dívida por swaps.

**Colômbia** — A cotação do "devedor modelo" da América Latina no mercado secundário voltou a subir em agosto para situar-se em 65-68 centavos por dólar, aparentemente devido ao acordo firmado pelas autoridades do país com os bancos em 11 de agosto passado, por 1,65 bilhão de dólares.

**Peru** — A cotação da dívida externa bancária peruana, estimada em 4,6 bilhões de dólares, voltou a permanecer estável pelo terceiro mês consecutivo em 4-6 centavos por dólar, refletindo o pouco interesse despertado no mercado secundário.

**Filipinas** — O recente acordo com os bancos, semelhante em muitos aspectos ao do México, manterá os preços dos valores filipinos acima de 50 centavos por dólar nos próximos meses.

**Polônia** — A dívida polonesa mantém-se estável no mercado secundário desde março passado.